



3º ANO

TRILHA AGROECOLÓGICA

3



GOVERNO
DO ESTADO

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO



EXPEDIENTE

Governo da Bahia

Rui Costa | Governador

João Leão | Vice-Governador

Jerônimo Rodrigues | Secretário da Educação

Danilo Melo Souza | Subsecretário

Manoel Vicente Calazans | Superintendente de Políticas para a Educação Básica

Coordenação Geral

Iara Martins Icó Sousa

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenação de Educação do Campo/Quilombola

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenações das Etapas

Poliana Nascimento dos Reis

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Equipe de Elaboração

Francisco Cruz do Nascimento

Luciene Rocha Silva

Jamille Pereira Almeida

Maria do Amparo Gomes Carvalho

Marcos Paiva Pereira

Kriscia Santos Argolo

Colaboradores(as)

Adriana Mendonça dos Santos

Bruno Alves Moura Ito

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Fernanda Pessoa do Amaral

Gilberto Cardoso Alemeida

Poliana Nascimento dos Reis

Revisão, projeto gráfico e diagramação

Marjorie Amy Yamada

Foto da capa

Ciranda das mulheres da Volta do Américo – Município Lençóis/BA, primeira feira agroecológica

EPÍGRAFE

*Eu sofro e morro todos os dias com
as mulheres*

Me renovo, me refaço

Para ser voz das que se calam

Para encorajar as sem força de lutar

*Para erguer o pulso das que estão
atadas*

Me renasço e me fortaleço

Mocinha Carvalho



À Comunidade Escolar,

É com grande satisfação que disponibilizamos para a Rede Estadual de Ensino da Bahia os **Cadernos de Apoio à Aprendizagem**, um material pedagógico produzido a muitas mãos, destinado a apoiar educadores e estudantes no momento de retomada das atividades letivas. A sua elaboração envolveu professores e professoras voluntários da rede estadual, além de técnicos e gestores da Superintendência de Políticas para a Educação Básica – SUPED, responsável pela coordenação do trabalho. Destaca-se, em especial, a intensa interlocução entre diferentes modalidades, na perspectiva de produzir um material atento à acessibilidade e que contemple diferentes modalidades.

Os Cadernos foram concebidos como materiais de suporte para o planejamento pedagógico e para o restabelecimento das rotinas escolares. Sua elaboração partiu da análise crítica sobre quais seriam, nesse momento específico, as **aprendizagens significativas** para os estudantes, e quais as competências e habilidades a serem desenvolvidas por eles e elas ao longo desse ano letivo tão atípico. A partir daí, foram construídos os organizadores curriculares, que promovem uma aproximação entre a experiência docente em sala de aula e os objetos de conhecimentos que compõem o Documento Curricular Referencial da Bahia da Educação Infantil e Ensino Fundamental (DCRB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



APRESENTAÇÃO DA TRILHA AGROECOLÓGICA

A Trilha Agroecológica aqui apresentada é um produto coletivo com vistas a disponibilizar ao público caminhos inspiradores para estimular as vontades políticas e a consciência das nossas responsabilidades sobre a transformação do pensamento e das ações de conservação, preservação, dinamização, exploração e respeito à vida do nosso planeta.

O passo a passo de cada etapa traz uma sequência de estudos e de aprendizagens para alcançarmos o sucesso no manejo consciente do solo, da água, da vegetação e, acima de tudo, da vida. A Agroecologia não é apenas uma revisão conceitual da agricultura com técnicas ecológicas, e sim um conceito de relação ética com a vida e com seus ecossistemas, visando à sustentabilidade e ampliando os processos agrícolas de maneira inclusiva e responsável.

As propostas que apresentamos advêm do desejo de superar os danos históricos causados à biodiversidade e à sociedade devido à ganância e ao uso nocivo de agrotóxicos. Estudar princípios agroecológicos na educação básica é renovar a esperança da construção de uma sociedade organizada, preocupada com todas as espécies de vida; é disponibilizar ferramentas que auxiliem as escolas e seus professores no desenvolvimento de trabalhos escolares que envolvam as comunidades, que tragam experiências para fortalecerem o currículo, tomando como princípio que o cultivo agroecológico é, sem dúvida, o cultivo da sustentabilidade social, além de representar estudo e uso de energias renováveis e superação de desafios para a construção de uma sociedade justa.

Equipe de Elaboração das Trilhas/ Coordenação de Educação do Campo e Quilombola



QUADRO-SÍNTESE: AGROECOLOGIA

Ano/série: 3ª série

Eixo Integrador

- ◆ Mulheres, ancestralidade e agroecologia

Objetivo

- ◆ Visibilizar os saberes/fazeres e o trabalho produtivos das mulheres na história da humanidade.

II Unidade letiva

Tema gerador: Mulheres, saberes ancestrais e biodiversidade

Competências:

- ◆ ADEFAFCN2 – reconhecer e valorizar seu próprio saber sobre o meio natural e social, interessando-se por enriquecê-lo e compartilhá-lo.

Habilidades:

- ◆ EM13CHS102 – Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade, etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Quintal da trilha: Práticas agroecológicas de biopoder



TRILHA 3

Mulheres, saberes ancestrais e agroecologia

1 PONTO DE ENCONTRO

Bem-vindos(as) a mais uma trilha!

Essa trilha nos levará à compreensão do *ser mulher*, mãe, trabalhadora e agricultora, e de toda sobrecarga e invisibilidade que a cerca, contemplando também os saberes ancestrais e a biodiversidade.

Animados e animadas?

Tenho certeza de que será uma trilha importante e potente!

Não se esqueça de que estaremos juntos(as) nesse trilhar e, ao chegar no final dessa caminhada, será a hora de avaliar todo caminho percorrido.

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Bora, meu povo! Vamos trilhar que o mundo já "arrudiu"!

Pé na trilha!



Vamos dialogar?

Registre essas reflexões iniciais no **diário de bordo**, não esqueça!

O feminismo parte da constatação, portanto, de que os sistemas sexo-gênero conhecidos — os sistemas patriarcais — estruturam as relações hierárquicas entre os homens e as mulheres no seu conjunto.

SILIORANDI, 2015, p. 37

- 1 **Contra o que as mulheres lutam?**
- 2 **Qual é o papel feminino no mundo rural?**

Historicamente muitas das atividades produtivas realizadas pelas mulheres são consideradas uma extensão do trabalho doméstico.

FARIA, 2012.

Você sabia que uma das primeiras lutas das mulheres camponesas foi pelo reconhecimento da profissão enquanto agricultora? No entanto, até hoje muitas mulheres ainda não se identificam com essa profissão, somente como “donas de casa”.

Até meados da década de 1980, as mulheres camponesas sempre estiveram presentes nas lutas travadas pelos trabalhadores rurais, porém não havia importância a distinção de gênero, não se especificavam seus problemas enquanto mulher. Somente depois iniciou um processo de construção de uma identidade política feminina.

3 LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

As mulheres historicamente tem um papel ativo na agricultura, na seleção e na preservação das sementes, nos conhecimentos das plantas medicinais e na defesa da biodiversidade.

Os quintais produtivos são os espaços de protagonismo feminino no campo. Este espaço é manejado exclusivamente pelas mulheres e é de

lá que retiram boa parte do alimento fornecido à família. Também é nesse espaço que aplicam sua sabedoria ancestral e de cura através do cultivo e do uso das ervas medicinais.

Urge reconhecermos essas práticas e saberes como imprescindíveis à reprodução da vida e à agroecologia, e ao nosso próprio entendimento da agroecologia enquanto ciência, movimento e prática.

Figura 1. Chá das mulheres Sem Terra em São Sebastião de Utinga, BA – Wagner, MST



Foto: Aides Souza

Figura 2. Dona Nice, guardiã de sementes, MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores



Foto: Jucimara Santos Faria

No **diário de bordo**, responda às questões abaixo.

- 1 O que já existe em sua comunidade em termo de organização das mulheres?
- 2 O que as mulheres costumam realizar em coletivo na sua comunidade?
- 3 Qual é a relação das mulheres de sua comunidade com os quintais?
- 4 Há produção nos quintais?
- 5 O que produzem e quais são a finalidade e o destino dessa produção?
- 6 Qual é a principal fonte de renda das mulheres de sua comunidade?
- 7 Quais são as principais dificuldades sentidas por elas enquanto mulheres, na comunidade?

4 EXPLORANDO A TRILHA

Texto 1 SerTão Mulheres

Honrar a mãe-terra-mãe

Honro todas as mulheres que habitam em mim

Honro as anciãs, a criança

Honro as parteiras, benzedeiras, curandeiras

Honro as curas em mim

Honro aquelas que militam e abrem caminhos

Mulheres sábias, tecelãs da utopia

O solo que nascerá a punho erguido

Honro aquelas que limpam seus lares

Honro aquelas que aterram e aprendem o que ensinam

Honro a sabedoria do tempo, uma benzedura, um rezo e o entoar de um canto

Honro a limpeza do olhado, a benzedura do quebranto, a limpeza da áurea

Honro os três ramos da erva, que cura e limpa

As ervas perseguidas, nutridas pela terra que guarda, pela terra que germina

Ervas que alimentam

Ervas que ensinam

Ervas que nos traz a terra mãe de volta

Terra que alimenta as mãos de quem cuida

De quem resiste

Mulheres da mata, das águas, dos campos e dos terreiros

Mulheres mandingueiras, mulheres dos quintais e das trincheiras

Mulheres ancestrais, MULHERES!

Poesia escrita por Kriscia Argolo e Mocinha Carvalho em 2020.

Sabemos que, no Brasil, as mulheres são as principais responsáveis pela gestão e pelo cuidado familiar e comunitário, visto que, já em 2015, demarcava-se que 28,9 milhões de famílias eram chefiadas por mulheres. Naquele momento, já se alertava para o avanço do capitalismo em precarizar o trabalho de diversos setores invisibilizados com forte presença feminina, a exemplo das trabalhadoras informais, autônomas, pescadoras, camponesas, empregadas domésticas e tantas outras.

A fome é a expressão biológica de males sociais e desigualdades econômicas, ou seja, quanto maior a concentração de pobreza, mais avança a falta de acesso ao alimento — a insegurança alimentar. O retorno da fome se dá em um contexto de agravamento das perdas de direitos e também no momento em que vivemos um avanço da corrida por terras e águas. No Brasil, faz-se o desmonte de todas as políticas e programas que davam suporte estrutural à produção de alimentos de base camponesa e constatamos um avanço acelerado das grandes corporações do agro-hidro-minério-negócio (este e suas corporações e países de origem).

Neste momento, as mulheres representam 70% das pessoas que têm atuado no setor social e na saúde (linha de frente do combate ao coronavírus); ao mesmo tempo, são três vezes mais responsáveis pelos cuidados não remunerados em casa do que os homens, sendo também a maioria das trabalhadoras informais. Olhando para a atual crise e para essas fragilidades anteriormente apresentadas, para a saturação do sistema de saúde, para a ausência de políticas/programas que viabilizem a geração de trabalho familiar e renda coletiva e ainda com o fechamento das escolas, as tarefas diárias e de cuidado acirram-se sobre o ombro das mulheres. Historicamente, as mulheres têm tido a responsabilidade de cuidar individual/isoladamente de pessoas idosas, crianças, doentes ou com algum grau de dependência, das tarefas domésticas etc., condições que agravam drasticamente suas condições mínimas de sobrevivência e de subsistência.

Pelo **Censo Agropecuário de 2017**, as mulheres coordenam/dirigem um considerável número de roças/estabelecimentos/sítios pelo país, a saber:



Todas contribuindo **econômica, política e socialmente** para o avanço do país, mesmo sendo marginalizadas inclusive por diversos seguimentos estruturais do atual Governo conservador brasileiro.

Adaptado de Coletivo Nacional de Gênero do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA. **Pensando a alimentação, a fome e a agroecologia desde o feminismo**, cartilha 1, 2021. p. 5 e 6.

Texto 3 Agroecologia é experiência, é construção cotidiana

Para pensar a agroecologia como algo que construímos no nosso dia a dia, é necessário refletir e entender como a divisão sexual do trabalho se apresenta nos nossos territórios. A divisão sexual do trabalho:

[...] Tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.). (KERGOAT, 2009 p. 67 e HIRATA E KERGOAT, 2007 p, 599)

Essa divisão social organiza-se a partir de dois princípios: a separação, que define trabalhos destinados a homens e trabalhos destinados à mulheres; e a hierarquização, em que o trabalho de homem vale mais que o trabalho de mulher.

Para nós, a realidade rural, que deveria desmistificar essa situação tendo em vista que sempre trabalhamos no trabalho considerado produtivo, mantém a separação como se ela fosse real, essa é uma expressão de como o patriarcado atuando enquanto um sistema dificulta entendemos a importância do nosso trabalho.

O patriarcado dificulta (e às vezes impede) entender a importância do trabalho doméstico e de cuidados como parte importante da construção do trabalho produtivo e, mesmo quando trabalhamos especificamente na produção, nosso trabalho ainda é descaracterizado e chamado de ajuda.

O caráter da produção camponesa é familiar, o que nos possibilita uma participação mais expressiva na produção, mas também nos traz desafios que precisam ser enfrentados com sabedoria e muita organização coletiva. Na família podemos ter nossas principais alegrias, mas, nela também se encontram nossos maiores desafios, pois é a partir de como é organizada a produção na família que é possível perceber se o trabalho das camponesas tem seu valor reconhecido ou não.

É importante que saibamos que as realidades de opressão/exploração não são realidades isoladas, vivenciadas apenas em uma ou outra família, mas que vivemos em uma sociedade baseada em um sistema de exploração/opressão capitalista, patriarcal e racista, e a família é um dos principais meios de manutenção desse sistema. Na família existem estruturas de poder que favorecem, na maioria dos casos, os homens, deixando mulheres e jovens em situação de vulnerabilidade. A lógica da família como uma unidade homogênea no qual os interesses são sempre comuns e representados por uma só pessoa não é real, pois mulheres e jovens têm interesses que muitas vezes são distintos do interesse do pai.

Essa realidade no rural tem trazido dificuldades históricas para o reconhecimento das camponesas como trabalhadoras. Mesmo as camponesas sendo responsáveis sozinhas (ou com as crianças e jovens) pela produção realizada no quintal, produção essa que melhora a alimentação da família, possibilitando diversidade de produtos, mesmo elas passando

parte significativa do seu tempo no trabalho com os animais e com o trabalho na roça, seu trabalho é enxergado como ajuda.

Penso ser importante abrir um parêntese nesse tema para falar sobre os quintais, uma vez que até mesmo importantes intelectuais da Agroecologia têm dificuldade de entender os quintais como parte estratégica da construção agroecológica, nós do MMC dizemos que, por vezes, esse foi o único espaço da unidade de produção que nos foi permitido resistir, e sendo assim, independente se ele é pequeno, se ainda é só uma pequena parte, esse espaço para nós é a pura construção da agroecologia; sem ele, talvez não tivéssemos conseguido preservar nada (sementes, espécies animais, plantas medicinais, modos de produzir, conhecimentos, saberes, experiências, etc) e nem realizar nossa resistência.

Várias de nossas ações tentaram superar essa forma de tratar o trabalho por nós, mulheres camponesas. A luta pela previdência realizada pelas camponesas nos anos de 1980 é fruto dessa compreensão, que, como camponesas, somos trabalhadoras e que nas famílias camponesas a produção é realizada por todas(os). A luta dessas mulheres possibilitou muitos avanços.

As camponesas passaram a ser entendidas na lei como trabalhadoras rurais e assim passaram a ter direitos previdenciários e trabalhistas garantidos. A partir de 2003, essa luta passou também a contar com uma estrutura do Estado brasileiro — Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais que propunha políticas públicas para as mulheres rurais em diálogo direto com elas. Nos últimos anos têm sido realizado estudos sobre a produção realizada pelas mulheres camponesas, sobre o valor econômico, social e agroecológico dessa produção, mas ainda verificamos que a ideia de ajuda é muito forte e é preciso superá-la para avançarmos na organização produtiva das mulheres.

Quando o termo "ajuda" se refere ao trabalho realizado pelos homens no âmbito doméstico, ele vem carregado de gratidão, de não obrigação e da ideia de favor, mas quando se refere a "ajuda" que as mulheres dão no roçado, o termo não carrega nenhum desses significados, pois quando as mulheres se atrasam, devido a seus outros trabalhos, elas são cobradas e recebem até punições.

Superar os dois significados da palavra *ajuda* é um desafio posto para avançamos na organização produtiva das mulheres e agroecologia, como parte da busca pela superação das desigualdades entre homens e mulheres.

Dessa forma, dividir, de fato, todas as atividades produtivas/reprodutivas é construir as relações sociais de forma justa, sem que uma pessoa — homem ou mulher — explore outra, sem que exista sobrecarga de trabalho para nenhum membro da família, muito menos que essa sobrecarga ocorra sobre uma única pessoa, apenas como consequência do seu gênero.

Adaptado de CALAÇA, M. K. A. dos S.; CONTE, I. I.; CINELLI, C. Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, v. 3, p. 1156-1183, 2018.

CANTINHO DA CURIOSIDADE

Você conhece os dois movimentos sociais citados nos textos 2 e 3?

Para conhecê-los melhor, acesse:

➤ Movimento de Mulheres Camponesas – MMC: <https://mmcbrasil.org/>

➤ Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA: <https://mpabrasil.org.br/>

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

Sem feminismo, não há agroecologia!

Sem luta popular, não há agroecologia!

- 1 Como o desmonte, nos últimos quatro anos, de todas as políticas públicas e programas sociais afeta as mulheres trabalhadoras rurais?
- 2 Quais são as principais políticas públicas acessadas pelas mulheres rurais nas últimas duas décadas?
- 3 Qual é a importância dos quintais para a segurança alimentar e nutricional das famílias?

4 *A pobreza e a fome, aliadas à sobrecarga de trabalho, à violência, à opressão e à discriminação, têm sido alguns dos efeitos graves sobre a vida das mulheres (SAFIOTTI, 1995; 1997). As condições de vida a que elas vêm sendo submetidas, historicamente, e, de modo mais intenso, nas últimas três décadas, trouxeram sérias consequências para a sua saúde e também para a saúde das crianças e de pessoas pertencentes às classes populares. (PULGA, et all, 2018. p. 16)*

(trecho do livro: Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia)

- a) De que maneira as mulheres garantem o autocuidado e o cuidado coletivo, visando à sobrevivência e à sustentabilidade da vida nas comunidades?
- 5 Qual é a importância da organização social para o enfrentamento aos interesses do agro-hidro-minério-negócio sobre as vidas, as terras, as águas, os povos, os alimentos e os territórios?

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

*Acorda, Maria Bonita
Levanta a hora que quiser
O dia já vem raiando
E o marido já fez o café*

Vamos nessa? Ainda não terminamos, seguimos a trilha! E agora chegou sua vez, *hehehe!*

É hora de aprofundar mais no chão da sua comunidade, Agora você já tem muita bagagem na mochila pra discutir sobre as mulheres camponesas.

As populações do campo resistem para sobreviver num contexto de expropriação da biodiversidade, como um todo, submetida aos interesses econômicos de setores e/ou empresas transnacionais, ao mesmo tempo em que exigem o reconhecimento de suas culturas e saberes, além de políticas de valorização e apoio para melhorar suas condições de vida, de trabalho e de produção agroecológica de alimentos saudáveis.

As potencialidades do cuidado para com a vida e a saúde dessas populações a partir da experiência das mulheres camponesas na produção de alimentos saudáveis e da prática agroecológica é fundamental para as famílias camponesas.

Os processos de cuidado com a natureza, com o alimento, com a vida e com a saúde realizados essencialmente pelas mulheres camponesas traduzem dimensões da vida desde seu mundo cotidiano até a visão planetária de cuidado em defesa da vida. Trazem consigo as dimensões da agroecologia e do feminismo e apontam desafios novos para o cuidado integral à saúde, para a construção de novas relações familiares, de trabalho rural e de relação com as outras formas de vida existentes.

(PULGA, *et al*, 2018. p. 17)

- 1 Quais são as principais plantas medicinais cultivadas na sua comunidade?
- 2 Como é a relação das mulheres da sua comunidade com as plantas medicinais?
- 3 Existe um intercâmbio entre elas sobre as ervas medicinais?
- 4 Pesquise com sua mãe, com sua avó, com as vizinhas sobre os principais usos das ervas em seus cotidianos.
- 5 Registre no diário de bordo cinco receitas do uso das ervas medicinais.

7 A TRILHA NA MINHA VIDA

Texto 4 O que é biodiversidade?

A biodiversidade refere-se a toda diversidade genética de um local, desde os genes até as espécies, assim como os diferentes ecossistemas onde essas espécies existem, além de todas as interações complexas e vitais entre esses organismos. Engloba, portanto, todos os seres vivos de um local, tanto os vegetais quanto os animais e microrganismos, além de toda a diversidade genética dentro de suas populações — variabilidade genética (Kageyama et al., 2003 citado por Reiniger; Wizniewsky e Kaufmann. P. 24, 2017).

Ao longo da história, as mulheres adquiriram um vasto saber dos sistemas agroecológicos e desempenharam um importante papel como administradoras da conservação da biodiversidade, dos fluxos de biomassa e domesticação das plantas. Demonstrem um significativo conhecimento sobre as espécies de recursos genéticos e fitogenéticos e assegurando, por meio de sua atividade produtiva, as bases para a segurança alimentar.

A perda da produção de sementes crioulas vem influenciando a alimentação dos seres humanos, diminuindo cada vez mais a diversificação na alimentação e agravando a perda de variedades que dificilmente serão recuperadas. Os bancos de sementes e a conservação das sementes crioulas por camponeses e camponesas têm sido uma das alternativas mais utilizadas para salvaguardar as sementes que ainda resistem, sendo as mulheres as principais responsáveis por estas atividades, mesmo diante das dificuldades que enfrentam. (FARIA; NOBRE, 2003).

(...)

As mulheres estão presentes na agricultura desde o princípio. Atuam como as principais responsáveis pela produção, manutenção e conservação das sementes crioulas que são essenciais para manter a soberania alimentar.

Adaptado de: ANDRIOLI, L. I., BASSANESI, D. Mulheres e sementes crioulas: trilhando os caminhos da agroecologia. **Convergências e divergências: mulheres, feminismos e agroecologia**, v. 16 n. 1, 2021. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6590>.

Agora é com você, que tal fazer uma exposição de sementes crioulas na sua escola e ao mesmo tempo incentivar a troca entre estudantes?

Traga para a sala de aula sementes que existem em sua comunidade, as quais você irá identificar seguindo as questões orientadoras abaixo:

- 1 Você sabe o que são as sementes crioulas?
- 2 Na sua comunidade existe algum banco de sementes?
- 3 Como é a relação das mulheres de sua comunidade com as sementes crioulas?
- 4 Há troca de sementes crioulas entre os/as agricultores(as) em sua comunidade?

- 5 Faça um diálogo com um pequeno grupo de agricultores e agricultoras sobre as sementes crioulas e faça um levantamento sobre as espécies de que eles/elas guardam as sementes. Se não existe um banco de sementes na sua comunidade ainda, dialogue sobre a importância de criá-lo e sobre como se organiza um banco de sementes.
- 6 O que são guardiões e guardiãs de sementes? Na sua comunidade existe algum guardião ou guardiã de sementes?
- 7 Após essa pequena pesquisa de campo e antes da organização da exposição de sementes em sua escola, faça uma tabela listando todas as sementes identificadas na sua pesquisa. Registre na tabela o nome da espécie, a família à qual a espécie pertence, o nome do guardião ou da guardiã que possui essa semente, como foi adquirida e há quantos anos ela está sob a guarda dele(a).

Não podemos seguir a trilha sem antes passarmos pelo momento **cine sementes!** Prepare a pipoca de milho crioulo!

- ▶ **Banco de sementes Crioulas (TV Irpaa)** – <http://youtu.be/vaYiJ45omF4>
- ▶ **Guardiãs das sementes crioulas (Brasil de Fato)** – <http://youtu.be/vAJSLCOe6rw>
- ▶ **Guardiões de Sementes (Epagri)** – <http://youtu.be/-R9tWpeBloo>

QUER-SABER-MAIS?

Se liga nesses links babados!

➤ <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/04/guardias-de-sementes-ancestralidade-camponesa-preserva-vida-sustentavel-no-planeta>

➤ <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2012/878>

8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Vamos seguir a trilha!

Cansados(as)? Beba uma água, respire conscientemente e *simbora!*

A proposta agora é que você organize e realize uma **roda de conversa** com um grupo de mulheres de sua comunidade. Após toda essa bagagem acumulada na mochila do(a) trilheiro(a), defina um tema para a roda de conversa. Planeje um roteiro com a condução da sua educadora ou do seu educador. Não esqueça de iniciar com uma boa dinâmica. Registre tudo no **diário de bordo!**

QUINTAL DA TRILHA: PRÁTICA AGROECOLÓGICA DE BIPODER

Escudo para a proteção de sementes (sementes peletizadas)

Para proteger as sementes antes de levá-las ao solo, podem-se empanar as sementes em farinha de pedra. Pode-se realizar o procedimento com qualquer tipo de sementes.

Passam-se as sementes em cola ou em clara de ovo bem batida (como um suspiro sem açúcar) e depois em farinha de rocha. Cria-se um escudo que vai proteger as sementes, como um campo eletromagnético, que protegerá desde o nascimento até a colheita.

Prática dos bombeiros agroecológicos.

Curso Nacional de Agroecologia e Biopoder Camponês com Sebastião Pinheiro

Material do curso disponível em:

➔ **Agroecologia e biopoder camponês:** <https://mpabrazil.org.br/wp-content/uploads/2021/02/AGROECOLOGIA.pdf>

Passa esse conhecimento adiante, faça uma minioficina e repasse para a sua comunidade essa prática!

9 AUTOAVALIAÇÃO

Chegamos ao final, viva! Ficamos felizes por essa chegada.

- ◆ Conte para nós, do que você mais gostou nessa caminhada?
- ◆ O que você considera que ficou faltando ser pontuado na trilha? Alguma sugestão?
- ◆ O que você achou mais desafiador no percurso da trilha?
- ◆ Qual conteúdo trabalhado na trilha interfere na sua vida?

GLOSSÁRIO

Arruviar – Ficar dando voltas em torno de uma pessoa ou de algo.

Biomassa – toda matéria orgânica de origem vegetal ou animal usada com a finalidade de produzir energia, como carvão, lenha, bagaço de cana-de-açúcar, entre outros.

Biopoder – termo criado originalmente pelo filósofo francês Michel Foucault para referir-se à prática dos estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de uma "explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações".

Farinha de rocha – fertilizante natural e mineral feito a partir da rocha, também pode ser chamado de pó de rocha. Encontrada em qualquer casa de material agropecuário.

Fitogenético – qualquer material genético de origem vegetal com valor real ou potencial para a alimentação e para a agricultura.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LONDRES, F. et al. **As sementes tradicionais dos Krahô**: uma experiência de integração das estratégias on farm e ex situ de conservação de recursos genéticos. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2014. 47 p. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/115241/1/Caderno-ANA-Sementes-2014-KRAHO.pdf>.

PULGA, V. L. et al. **Mulheres camponesas**: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018. 269 p.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

REINIGER, L.R.S; WIZNIEWSKY, J.G; KAUFMANN, M.P. **Princípios de agroecologia** [recurso eletrônico] 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, UAB, 2017, e-book.